

Editorial

A *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* da Universidade de São Paulo apresenta neste volume, número 30, um conjunto de textos que alcança variados temas dentro da Arqueologia e da Museologia. As discussões aqui apresentadas destacam-se por trazerem resultados de pesquisas importantes que muito contribuem para o desenvolvimento da disciplina arqueológica e museológica e permitirão ao nosso leitor um aprendizado enriquecedor, seja de aspectos conceituais seja de aspectos metodológicos que se estendem ao longo desta edição.

Impossível deixar de fazer menção às dificuldades enfrentadas pelas ciências nos dias atuais. Por um lado, contingenciamentos orçamentários de âmbito federal que restringem o desenvolvimento de pesquisas de alta importância e alto impacto na vida social, cultural, política e econômica dos brasileiros; por outro, dificuldades não apenas orçamentárias, mas logísticas de toda a sorte, de âmbito local, que impactaram deveras nosso trabalho e repercutiram na delonga, por exemplo, destes trabalhos. Todavia, todas estas dificuldades por nós enfrentadas em nada diminuiu a qualidade dos artigos aqui apresentados, muito pelo contrário, trata-se de trabalhos de mais alta qualidade, os quais brindamos você, leitor, neste deleite pelo mergulho ao conhecimento da materialidade expressa nos mais diversificados sentidos.

O artigo que abre nosso volume, “O ensino da Arqueologia na USP: um depoimento”, escrito pela importante professora Maria Beatriz Borba Florenzano, trata de apresentar em forma de um depoimento sua experiência como uma das primeiras alunas do Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo, no qual busca traçar alguns dos principais momentos da institucionalização da formação de profissionais nesta área do conhecimento em nossa Universidade.

O segundo artigo, intitulado “Artefatos zoomorfos sambaquieiros do estado de Santa

Catarina: considerações acerca do tema”, escrito por Jefferson Batista Garcia e pela professora Dione da Rocha Bandeira, busca analisar contexto, distribuição e atributos dos artefatos zoomorfos sambaquieiros do estado de Santa Catarina. Destaca-se que foram selecionadas as duas maiores coleções temáticas da região Sul do Brasil, pertencentes ao Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) e ao Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”, em Florianópolis.

Jean Ítalo Araújo Cabrera assina o artigo “A cerâmica do sítio arqueológico Mandaguari, distrito de Floresta do Sul, município de Presidente Prudente, SP”. Nele, o autor discute sobre o caráter litocerâmico do referido sítio arqueológico, onde foram encontrados urnas, vasilhames e artefatos líticos polidos e lascados. O pesquisador infere tratar-se de duas populações pré-históricas, uma de coletores/caçadores autores das pontas de projétil e outra de lavradores ceramistas.

O artigo “Artefatos trançados na Pré-história do Sul do Brasil: persistências e rupturas tecnológicas em tempos históricos”, de Rodrigo Lessa Costa e da professora Tania Andrade Lima, apresenta uma instigante discussão sobre materiais perecíveis, como fibras e madeiras, que estiveram, ao que se supõe, entre as matérias-primas mais utilizadas por grupos pré-históricos.

Ainda dentro do grupo de artigos relacionados a estudos arqueológicos destacamos, na sequência, o artigo “Estudo de um sítio arqueológico-paleontológico no município de Corrente, extremo sul do Piauí” de Keyla Maria Ribeiro Frazão, Juan Carlos Cisneros e Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva. Esse trabalho procura apresentar análises preliminares e propor um modelo preditivo em Arqueologia para o extremo sul piauiense. Nele, os autores buscam considerar as características geoambientais da região e as características de um sítio paleontológico e arqueológico no município de Corrente, Piauí.

Iniciando os artigos que tratam de assuntos museológicos ou museográficos, Daniela Sulamita Almeida da Trindade e Denis Gomes Cordeiro trazem o texto “O Museu Vivo Antonio Samias e a sustentabilidade sociocultural dos índios Kokama”. Os autores procuram demonstrar como a criação da Associação da etnia Kokama de Manaus-AKIM tem ampliado as possibilidades de fortalecimento da identidade e alcance de políticas públicas definidas para os povos indígenas, submetidos a um processo de invisibilidade social desde a ocupação da Amazônia pelos colonizadores.

Outro artigo que versa sobre a presença indígena na construção colaborativa de exposições e estudos museográficos é apresentado por Mariane Aparecida do Nascimento Vieira e se intitula “A inserção indígena nos museus”. No respectivo trabalho, os autores reportam ao leitor ações de curadoria compartilhada dentro dos museus, examinando as mudanças institucionais, discursivas e pragmáticas que vêm se dando a partir, principalmente, dos debates pós-modernos e pós-coloniais em torno da imagem indígena tal como fora produzida/representada por meio das coleções museológicas de um período de “construção nacional”.

“Storytelling: do processo de exposição à experiência da memória viva no Museu Comunitário do Taquaril” de Samanta Coan e Luciane Maria Fadel é o próximo artigo do volume que discute o museu comunitário Ponto de Memória Museu do Taquaril, responsável por desenvolver uma exposição em uma abordagem participativa e proporcionar uma experiência da memória viva: as histórias são a essência da primeira mostra *Fios da Memória: tecendo os primeiros passos*. As autoras tratam de evidenciar, assim, que o museu e seu produto, a exposição, podem ser um objeto de estudo para o design, por ser um espaço transdisciplinar com foco nas pessoas, na comunicação e nas experiências com o conteúdo e acervo.

O último artigo deste grupo de trabalhos dedicados aos estudos museológicos/museográficos é assinado por Sandra Ferreira dos Santos e intitula-se “A Coleção Teresa

Cristina do Museu Nacional do Rio de Janeiro: as possibilidades de uma coleção”. Este artigo pretende apresentar a Coleção Teresa Cristina do Museu Nacional do Rio de Janeiro em suas possibilidades educacionais e de pesquisa, focando, em especial, nos vasos com iconografia provenientes da região da Magna Grécia. A coleção, também chamada de Coleção Mediterrânea, é composta por objetos etruscos, gregos e das colônias gregas do sul da Itália, além de importantes peças do período romano, especialmente aquelas provenientes das cidades de Pompeia e Herculano. A intenção é, por meio de um conjunto específico de peças da coleção, realizar uma comparação com outras coleções do mundo, de modo a comprovar que a Coleção Teresa Cristina é uma coleção significativa, que pode fornecer material importante e variado para o estudo e a pesquisa.

Este volume ainda traz um estudo bibliográfico intitulado “Sobre a bibliografia pesqueira no Brasil (1930 a 1980): temas, autores e suas preocupações”, produzido por Dauto João da Silveira. Nesse estudo, o autor procura discutir sobre o crescimento da produção bibliográfica pesqueira brasileira no século XX, as primeiras temáticas, os autores mais relevantes e suas preocupações com o mundo da pesca artesanal. O autor parte do pressuposto de que o aguçamento das contradições do mundo da pesca produziu uma forma de consciência que resultou em trabalhos científicos e críticos sobre os pescadores artesanais. É digno de nota, neste mesmo contexto, o crescimento das instituições e núcleos de pesquisa no final do século XX.

Para finalizar o volume, apresentamos uma resenha crítica intitulada “Recensio”, de Paolo Daniele Scirpo. Trata-se de uma abordagem do trabalho “Dedicche di Occidentali nel santuario di Apollo a Delfi (VI-IV a.C.) Young Lukanian Archaeologists”, de M. E. Cavaliere, publicado em 2013, pela British Archaeological Reports (BAR) de Oxford.

Queremos crer que as páginas que seguem trazem reflexões valorosas aos nossos leitores, do mesmo modo como queremos crer que o deleite e regozijo possa ser obtido pela leitura deste número. Ler é um ato de resistência; ler

é um sopro de esperança. Sigamos trilhando o caminho da iluminação preconizado pelos filósofos gregos e resgatados por renascentistas

e iluministas. Façamos de nosso entendimento de mundo a balbúrdia intelectual que a materialidade nos permite experienciar.

Vagner Carvalho Porto